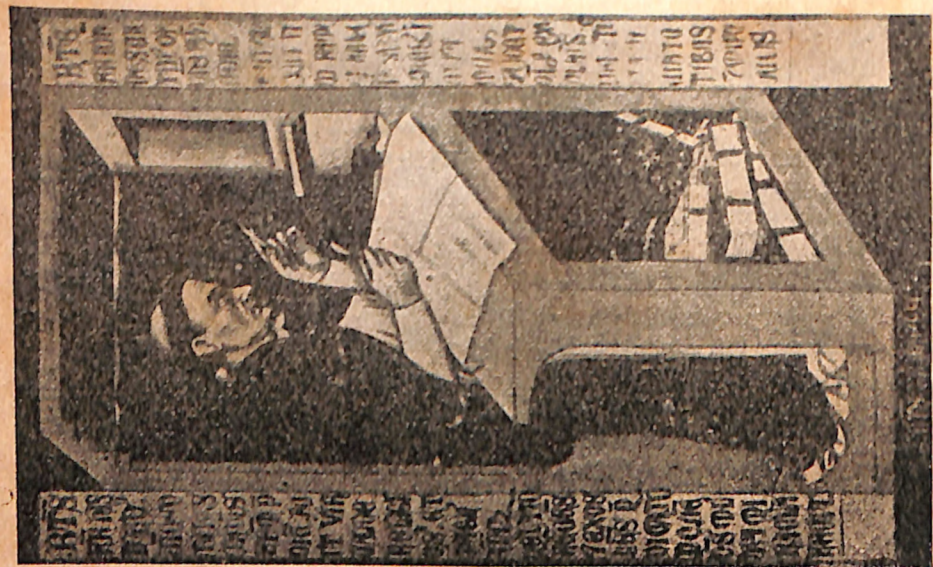




Bertoldo de Ratisbona pregando a penitência.



João de Vicenza.

nunca faltará a graça divina. Se, por acaso, o Diabo conseguir aproximar-se dum homem pio, ou mesmo penetrar nêle, não estará longe o sacerdote consagrado, cujo exorcismo afastará, prontamente, o demônio, que tem de ceder o lugar.

Mas, nem mesmo os homens fracos, cujas fôrças não os logram manter firmes na senda duma conduta santa e sem pecados, devem, por isso, desesperar: também êles acham agasalho seguro no regaço materno da Igreja. Para êles, está à espera o "Tesouro da Graça" que Cristo, em virtude do sacrifício de sua morte, adquiriu para a humanidade, e que só serve para um fim: intervir onde as fôrças naturais do homem são insuficientes para alcançar a salvação da própria alma.

Sempre e por tôda parte, a Igreja cuida que a Justiça Divina não castigue o pecador com demasiada dureza; que o arrependimento e a penitência sincera sejam aceitas perante o tribunal supremo como expiação suficiente dos erros cometidos na terra.

Entre a terra e o céu, escalam-se uma multidão de santos. Foram no seu tempo, homens e pecadores; compreendem assim tôdas as fraquezas das criaturas. Por conseguinte, o penitente, com tôda confiança, pode dirigir-se a êles e implorar-lhes a intervenção junto a Deus. Além disso, o sacerdote porfia em salvar o seu rebanho; a êle também foi dado o poder de ligar e desligar em nome do Todo-Poderoso.

O pavor aos demônios fêz os Gregos criarem, como monumento eterno de seu Mêdo, a Esfinge, o monstro antropófago, que representa a Mãe original. O cristianismo, ao contrário, levado por seu sentimento de segurança ante o Mêdo, constrói, como símbolo, a catedral gótica, cujas naves, na sua pureza luminosa e firme, erguem as abóbadas para o céu, enquanto os demônios, expulsos do interior da Igreja, ficam presos às cumieiras, às cornijas e às fachadas onde, petrificados, aparecem sob a forma de quimeras vomitando água. Assim, as catedrais ainda lembram a existência do mundo dos demônios; elas banem, porém, os horrores do seu maternal regaço, expulsando-os para o exterior. Por terem sido os demônios expulsos do templo de sua fé, é que o cristão se sente protegido contra o mêdo. Verdade é que a condenação eterna e as trevas do Inferno constituem o destino da alma que abandona a vida em estado de inimizade com Deus e sem ter expiado seus graves pecados. Quem, no entanto, ainda antes de morrer, se arrepender e reconciliar-se com Deus, achará aberto o reino celeste e luminoso da Felicidade.

Assim, pois, o inferno da doutrina da Igreja não é o domínio autônomo duma potência primitiva do Mal. Pelo contrário, é um presídio, imposto pela vontade de Deus, cuja existência tem por fim afastar o homem do pecado e mantê-lo no caminho duma conduta santificante que o conduza diretamente ao Céu. Por isso é que Dante, o grande apologista do catolicismo medieval, pode colocar por cima da porta de Inferno a sentença: "A mim, também, o amor eterno me criou".